



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Volodymyr Zelensky diz que quer definir um plano para “deter Putin” com os EUA antes das tratativas com a Rússia sobre o fim do conflito. Donald Trump convoca uma reunião entre “alto escalão” de Washington, Kiev e Moscou, na Alemanha

Ucrânia pede voz ativa na negociação

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, reagiu aos termos iniciais do plano encaminhado pelos Estados Unidos para o fim do conflito entre Kiev e Moscou, e reivindicou espaço nas negociações. “Não vamos aceitar qualquer acordo que não nos inclua”, protestou o líder ucraniano. Também a Europa se mostrou surpresa com a conversa telefônica de uma hora e meia entre os presidentes dos EUA, Donald Trump, e da Rússia, Vladimir Putin, para discutir soluções para alcançar a paz entre as ex-repúblicas soviéticas. Os europeus querem ser levados em consideração nesse processo.

Zelensky pediu que Trump estabeleça um plano para acabar com a guerra antes de incluir Putin nas negociações. Para o líder ucraniano, os contatos entre Kiev e Washington devem ser uma “prioridade”. “Somente (...) depois que um plano para deter Putin for colocado em prática, acho que será bom conversar com os russos”, observou. Zelensky frisou que não se pode confiar nas afirmações do russo sobre seu desejo de pôr fim à guerra.

Em resposta, o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, disse que, “de uma forma ou de outra, é óbvio que a Ucrânia participará das negociações”. Segundo Peskov, Trump e Putin não mencionaram o envolvimento da União Europeia (UE) no processo. Após a conversa, o chefe da Casa Branca previu um cessar-fogo em breve. Também descartou que a Ucrânia



Presidente ucraniano (D) fala com jornalistas ao visitar a usina nuclear Khmelnytsky, em Netishyn: cautela e desconfiança

volte a ter o território anterior a 2014, ano da ocupação da Crimeia pelos russos, ou ingresse na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

Em Washington, Trump assegurou que a Ucrânia fará “parte” dos diálogos de paz. Horas depois, o magnata republicano anunciou uma reunião, ainda hoje, em Munique, na Alemanha, entre integrantes do “alto escalão” de Rússia, Ucrânia e Estados Unidos. “A Rússia vai estar lá com nossa gente. A Ucrânia também está convidada. Não tenho

certeza exatamente de quem vai representar cada país, mas será gente do alto escalão”, disse Trump aos jornalistas no Salão Oval da Casa Branca.

Kiev informou não ter previsão de participar do encontro, à margem da Conferência de Segurança, que conta com a presença do vice-presidente norte-americano, JD Vance. “Uma posição comum acordada (com os aliados da Ucrânia) deve estar sobre a mesa para uma conversa com os russos. Por ora, não há nada sobre a mesa. As conversas com

os russos não estão previstas”, declarou aos jornalistas Dmytro Litvin, um assessor do presidente Volodymyr Zelensky.

“A posição ucraniana não mudou. A Ucrânia deve falar primeiro com os Estados Unidos. A Europa deve participar de qualquer conversa séria voltada para alcançar uma paz autêntica e duradoura”, acrescentou Litvin.

Sem traição

Embora o secretário de Defesa dos EUA, Pete Hegseth,

tenha dito que o contato de Trump com Putin não foi uma “traição” à Ucrânia, o gesto desencadeou uma forte reação dos aliados europeus, que, como Zelensky, temem que nem a UE, nem a Ucrânia tenham voz nas negociações. Na véspera, Hegseth afirmou, na Otan, que o retorno às fronteiras da Ucrânia anteriores a 2014 era “uma meta pouco realista”.

A chefe da diplomacia europeia, Kaja Kallas, alertou que um acordo feito às escondidas da UE “simplesmente não

funcionará”. “Sem nossa presença à mesa, eles podem definir qualquer coisa, mas isso fracassará, porque não haverá implementação”, insistiu a ex-primeira-ministra estoniana.

No mesmo sentido, o presidente do Conselho Europeu, o português António Costa, ressaltou, na rede social X, que “não haverá negociações credíveis e bem-sucedidas, nem paz duradoura, sem a Ucrânia e sem a UE”. O secretário-geral da Otan, Mark Rutte, acredita que é “crucial” que a Ucrânia esteja “estritamente envolvida” em tudo o que lhe diz respeito.

Em meio à onda de protestos, o ministro da Defesa ucraniano, Rustem Umerov, declarou, em Bruxelas, que seu país manterá a resistência à Rússia. “A mensagem é que continuaremos. Somos fortes e capazes e cumpriremos”, frisou Umerov, ao chegar à sede da Otan.

Ao discursar, o secretário norte-americano de Defesa pediu para “tomar a Otan grande novamente” com mais gastos em defesa. Donald Trump, enfatizou Pete Hegseth, “não vai permitir que ninguém transforme o ‘Tio Sam’ em ‘Tio Estúpido’”.

Por sua vez, a China expressou sua satisfação pelo fato de os Estados Unidos e a Rússia estarem “fortalecendo sua comunicação”. Por sua vez, o chefe da diplomacia americana, Marco Rubio, disse esperar que a Ucrânia firme um acordo de acesso a minerais que permitiria “reembolsar o contribuinte americano pelos bilhões de dólares que foram gastos ali”.



Policiais interditam o local do ataque: pelo menos 30 feridos

Afegão atropela multidão em Munique

A poucas horas da cúpula de segurança mundial, que deverá ter a guerra na Ucrânia como um dos principais temas, a cidade alemã de Munique entrou em alerta máximo. Ao menos 30 pessoas ficaram feridas, várias delas em estado grave, quando uma multidão foi atropelada por um afegão solicitante de asilo. O ato foi qualificado de “atentado” pelas autoridades do país.

Segundo a imprensa alemã, o autor do ataque é Farhad N., de 24 anos. Nascido em Cabul, ele chegou ao país no fim de 2016, aos 15 anos. Seu pedido de asilo foi rejeitado, mas ele foi colocado sob proteção subsidiária, o que suspendeu a deportação.

Farhad N. tem passagens pela polícia por roubo e crimes relacionados com drogas. De acordo com o veículo de mídia Spiegel, ele teria publicado mensagens islamistas antes de lançar o Mini Cooper que dirigia contra a multidão que participava de uma manifestação, após ultrapassar um carro da polícia. O prefeito de Munique, Dieter Reiter, disse que, entre os feridos, há crianças.

O atropelamento em massa ganha ainda mais relevância pela proximidade das eleições legislativas alemãs de 23 de fevereiro, dominadas pela questão migratória. No pleito, o partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD) pode obter mais

de 20% dos votos, o dobro do que obteve em 2021, mostram as últimas pesquisas.

O governo do chanceler social-democrata Olaf Scholz, acusado de ser brando demais pela oposição, anunciou que “faria o possível” para expulsar mais afegãos residentes e condenados pela Justiça na Alemanha. “Estamos chocados com um ataque terrível em Munique”, escreveu Scholz na rede X. “O autor deve sentir todo o peso da lei”.

O ministro do Interior da Baviera, Joachim Herrmann, assegurou que o episódio não tem relação com Conferência de Segurança de Munique, que reúne na cidade a nata da diplomacia

mundial de hoje a domingo. Entre outros, a reunião contará com a presença do vice-presidente dos Estados Unidos, J.D. Vance, e do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky.

Mas o certo, avaliam os analistas políticos, é que isso terá impacto na campanha eleitoral, já marcada pela forte polarização em questões migratórias e de segurança interna. Uma das principais figuras da AfD, Björn Höcke, denunciou no X a “decomposição do Estado” e pediu “voto contra os partidos do cartel”, como ele chama as legendas do atual governo de centro-esquerda de Scholz e a oposição conservadora e liberal.

TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Hamas recua e vai libertar reféns

Após dias de muita tensão, que deixaram por um fio a trégua na Faixa de Gaza, o movimento islamista Hamas anunciou, ontem, que vai cumprir o acordo firmado com Israel e libertar três reféns amanhã. O grupo radical recuou na ameaça de suspender o cronograma após acusar o governo de Benjamin Netanyahu de bloquear a entrada de ajuda humanitária no enclave e atrasar o retorno dos palestinos ao norte do território.

O porta-voz do governo israelense, David Mencer, alertou que a estrutura do acordo “estabelece claramente que três reféns vivos devem ser libertados

no sábado” pelo Hamas. Mencer advertiu que, se não forem soltos até o meio-dia, “o cessar-fogo terminará”.

Os ânimos foram aplacados graças à ação de Egito e Catar, os principais negociadores da trégua, ao lado dos Estados Unidos. A primeira fase do acordo de trégua, que entrou em vigor em 19 de janeiro, em Gaza, permitiu cinco trocas de reféns israelenses por prisioneiros palestinos.

Na terça-feira, diante do iminente descumprimento do pacto, Netanyahu ameaçou o Hamas com “combates intensos” na Faixa de Gaza. Tropas israelenses foram reforçadas em torno do

enclave. O governo deixou reservistas em alerta. De Washington, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, frisou que, se o movimento islamista não libertasse “todos” os prisioneiros em Gaza, o “inferno” se instalaria.

Dois fontes palestinas ouvidas pela agência France Presse (AFP) relataram “progressos”, informando que os mediadores conseguiram fazer com que Israel promettesse implementar as disposições do protocolo humanitário. Se essa promessa for confirmada, materiais pré-fabricados, tendas, combustíveis, medicamentos, materiais para reforma de hospitais e suprimentos

relacionados ao protocolo humanitário vão começar a ser levados para Gaza.

Um porta-voz de Netanyahu disse que o governo israelense não permitiria que “maquinário pesado” entrasse em Gaza pelo posto de Rafah, que fica ao sul do território e se conecta ao Egito. Após o cessar-fogo, em vigor desde 19 de janeiro, centenas de milhares de deslocados retornaram ao norte da Faixa de Gaza, uma área deixada em ruínas pelos combates. “Gaza se tornou um inferno insuportável, não podemos viver com esse nível de destruição”, desabafou Abdul Nasser Abu al Omrain.



Em Tel Aviv, protesto exige a soltura dos capturados pelos islamistas

Vaticano

Ontem, o cardeal secretário de Estado Pietro Parolin, o número dois do Vaticano, rejeitou a proposta de Donald Trump, de deslocar a população de Gaza, e afirmou que os palestinos

devem “permanecer em sua terra”. “Esse é um dos pontos fundamentais da Santa Sé: nenhuma deportação”, disse. “A solução, na nossa opinião, é a de dois Estados, porque isso também significa dar esperança à população.”